

ANAIS

**X Seminário Internacional Práticas Religiosas
no Mundo Contemporâneo
IX Colóquio Nacional Cultura e Poder
VIII Seminário de Pesquisas do Laboratório de Estudos
sobre Religiões e Religiosidades
V Simpósio Regional da ABHR/Sul**

**Laboratório de
Estudos sobre Religiões e Religiosidades (LERR)**

Universidade Estadual de Londrina (UEL)

2023

GT - GT-2: Catolicismo Contemporâneo (on-line)

OS IMPACTOS HUMANITÁRIOS DO PENSAMENTO TEOLÓGICO DO PAPA FRANCISCO: UM HEREGE OU UM VERDADEIRO RELIGOSO?

Fábio Antônio Gabriel (SEED PR/ UENP)¹
Alfredo Moreira da Silva Júnior (UENP)²

2

Resumo: A presente investigação se contextualiza na análise dos impactos humanitários do pensamento do papa Francisco. O objetivo se norteia pela análise das contribuições para a humanização da sociedade, tendo, como ponto de partida, ensinamentos para acolhida de homossexuais (ao menos discursivamente), tratamento não discriminatório dos casais em segunda união, abertura para o debate sobre a admissão de clérigos casados (como foi debatido no sínodo da Amazônia) e a preocupação ecológica. Esses entendimentos evidenciam uma guinada em relação às ideias de Bento XVI pelo ensinamento do magistério papal de Francisco. A metodologia será a análise textual de partes dos documentos emitidos pelo atual papa. A pesquisa discute a questão: Mesmo tendo à frente uma autoridade tão humanitária, por que a Igreja Católica Apostólica Romana mantém a discriminação da pessoa em nome da fé? À luz dos questionamentos em relação ao Vaticano II, também perguntamos: Será Francisco um herege ou um verdadeiro religioso? Não nos interessa, nas ciências da religião, um debate teológico, mas o impacto social e político de um posicionamento tão contundente do papa Francisco em relação a temas humanitários atuais e por que tamanha resistência em aceitar o que é proposto pela suprema hierarquia canônica.

Palavras-Chaves: Papa Francisco. Ciências da religião. Impacto social da teologia. Inclusão de marginalizados.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho apresenta, do ponto de vista das ciências da religião, os possíveis impactos do magistério e a ação papal de Francisco em relação aos direitos humanos no mundo contemporâneo. Restrita ao âmbito discursivo, seria possível afirmar que nem sempre sua mensagem ecoa como práxis na vida eclesial católica romana. Em outros tempos, não se imaginaria que um papa falasse em acolhida a homossexuais, em não condenação àqueles que vivem à margem da sociedade por questões morais, em acolhida aos casais em segunda união.

¹ Bacharel em Teologia (PUC PR), mestre, doutor em educação (UEPG), professor efetivo da Rede Estadual de Ensino do Paraná e professor substituto da Uenp/Campus Jacarezinho na área de Fundamentos da Educação. Atualmente (2023-2024), desenvolve estágio pós-doutoral no Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências e Educação Matemática (Ppgecem) da UEPG. Email: fabioantonio gabriel@gmail.com

² Doutor em Ciências da Religião pela PUC/SP, professor associado do Centro de Ciências Humanas e Educação da Uenp /Campus Jacarezinho. Email : alfredo@uenp.edu.br

No entanto, na prática, a hierarquia, que lhe é subordinada, não cumpre as orientações de acolhida aos “pecadores públicos”, além de contestar abertamente os ensinamentos do pastor.

Nesse contexto, inserimos, como primeiro tópico, uma reflexão sobre Francisco e Bento XVI, que ajuda a entender a razão de muitos não aceitarem as ações de Francisco na atualidade. Não é nosso objetivo evidentemente hierarquizar papas, mas demonstrar como a própria hierarquia carrega em si o peso histórico dos personagens que conduzem a direção de uma das maiores instituições ou, diríamos, “multinacional”, no sentido de ter uma representatividade internacional.

Veremos que Bento XVI foi herdeiro de um histórico de vida como professor universitário em prestigiadas universidades da Europa, exerceu funções na Congregação da Doutrina da Fé, antigo Santo Ofício, responsável outrora por inquisições. Evidentemente, tinha um perfil mais conservador e com muita dificuldade de se abrir ao mundo contemporâneo, por se considerar herdeiro da tradição apostólica.

Os cardeais, por sua vez, quando elegeram Francisco, sabiam da sua trajetória como bispo, arcebispo e, sobretudo, pastor. Francisco não é um ignorante teológico, mas não se veem, em seus textos, grandes debates teológicos do ponto de vista doutrinal escolástico, e, sim, mais um pastoralista que tenta falar ao mundo contemporâneo. Ao ler os textos de Francisco, vemos muito da perspectiva teológica do Concílio Vaticano II retomada. Suas encíclicas têm sempre uma visão social, um interesse pelas questões ecológicas que não têm sido vistas como teológicas por muito tempo.

Adiantamos que não temos resposta para o fato de que Francisco seria um verdadeiro religioso ou um herege, apenas propomos reflexões para pensar, à luz das ciências da religião, o quanto as visões teóricas dos eventos dogmáticos da fé impactam o relacionamento das pessoas na sociedade e no interior das religiões.

As cosmovisões antagônicas de Bento XVI e Francisco estão presentes na vivência do catolicismo na contemporaneidade. Realizamos, na seção 1, uma leve análise dos antagonismos entre Bento XVI e Francisco e, posteriormente, entramos na questão mais específica do magistério de Francisco, a fim de refletir o quanto a própria religião, que, em si, é dogmática, pode ser interpretada de diversas formas a partir da individualidade de um determinado representante eclesiástico, no caso, um papa. Numa breve seção final, vamos abordar os ensinamentos de Francisco em documentos oficiais.

BENTO XVI E FRANCISCO: A CRISE DA MODERNIDADE EM VISÕES DE MUNDO ANTAGÔNICAS

Para compreender o pensamento teológico de Francisco, a respectiva gênese e o impacto na Igreja e no mundo profano, temos de analisar aspectos psicológicos e culturais ligados à sua biografia oficial e à de seu antecessor, Bento XVI, ambas disponíveis no site do Vaticano www.vaticano.va. Uma comparação simples evidencia a diferença doutrinária do pontificado de cada um, que salta aos olhos, não só dos estudiosos do catolicismo, mas do público em geral .

Bento XVI teve, em sua infância, uma visão de mundo moldada no interior da Alemanha, em uma zona rural, em que valores tradicionais e religiosos imperavam, mesmo a despeito das inovações tecnológicas que surgiam e se transformavam numa velocidade inimaginável até então. Sua adolescência foi marcada pela ascensão do nazismo, regime que causou simpatia em boa parte dos alemães, exaustos das consequências da Primeira Guerra Mundial.

Porém, aos poucos, o regime que se colocava como uma terceira via entre a exploração do capitalismo, segundo eles, controlado pelo judaísmo internacional, e o socialismo bolchevique, mostrou sua verdadeira face: a busca desenfreada pelo poder absoluto, consubstanciado no estado totalitário nazista, que não admitia crítica ou contestação. Nesse cenário, marcou a adolescência de Joseph Ratzinger o espancamento do pároco de sua comunidade por nazistas, assim como sua convocação para servir na defesa antiaérea alemã.

Finda a Segunda Guerra Mundial, com a Alemanha quase totalmente destruída, o jovem Ratzinger abraçou a vida religiosa e não tardou a surgir a sua vocação para os estudos teológicos e o magistério, vocação que perdurou por toda sua vida .

Lecionando nas tradicionalíssimas universidades de Bonn (fundada em 1818) e Tübingen (fundada em 1477), continuou vivendo em locais, cuja estética e atmosfera representavam uma verdadeira resistência à modernidade.

Chamado para ser um dos peritos do Concílio Vaticano II, foi considerado por muitos como um teólogo progressista, ao lado de nomes como Hans Küng. No entanto, sua postura pró “Aggiornamento” tinha a ver com o cenário europeu pós-guerra: como a Igreja deveria enfrentar os novos desafios ocasionados pela reconstrução da Europa e a industrialização, além da defesa dos interesses do chamado “grupo do Reno”.

Bispos da Europa central passaram a exigir maior participação nas decisões do Concílio, questionando a hegemonia dos italianos na Cúria Romana. Tal episódio se encontra amplamente documentado e descrito na obra: *O Reno se lança no Tibre*, de Ralph Wiltgen (2007).

No pontificado de João Paulo II, assumiu o cargo de prefeito para a Congregação da Doutrina da Fé e passou a “corrigir” o que considerava má interpretação sobre as deliberações do Concílio Vaticano II, dentre elas, uma corrente teológica que ganhava força na América Latina: a Teologia da Libertação, fato lembrado por Libâneo (1983).

Com a morte de João Paulo II, foi eleito no conclave para assumir o trono de Pedro. Seu Pontificado passou a materializar um influxo conservador na Cúria Romana e nas nunciaturas por todo o mundo.

Após inúmeros escândalos explorados incessantemente pela mídia, o papa Bento XVI, com a saúde fragilizada, renunciou, fato que causou certa perplexidade no mundo católico.

No conclave para sua sucessão, vaticanistas especulavam a escolha de um papa não europeu, o que, de fato, acabou ocorrendo, com a eleição de Jorge Mario Bergoglio, cardeal arcebispo de Buenos Aires, primeiro jesuíta eleito papa, primeiro latino-americano.

A escolha do nome pontifício já apontava para uma guinada pastoral, “Francisco” nome inédito e emblemático, dado que aponta para um santo conhecido por sua postura “revolucionária” na Igreja Medieval corrompida e desconectada da realidade dos fiéis, aspectos lembrados por Le Goff (2001).

Diferentemente de seu antecessor, Francisco não tem uma biografia inflada de feitos acadêmicos ou publicações, mostra a trajetória pastoral de um religioso preocupado com as “questões do mundo”. Nascido em 17 de dezembro de 1936, em uma família de imigrantes italianos, diplomou-se técnico químico, antes de se decidir pelo sacerdócio. Foi ordenado em 1969, após inúmeros cargos ligados à formação de sacerdotes.

Com a conclusão de sua tese de doutorado, no início dos anos 1990, passou a ocupar inúmeros postos na carreira eclesiástica e episcopal. Em 21 de fevereiro de 2001, foi nomeado cardeal pelo papa João Paulo II. Após tomar conhecimento desse fato, exortou aos fiéis para que não comparecessem em sua investidura em Roma. Ao invés disso, que doassem o dinheiro que seria gasto aos mais necessitados.

PAPA FRANCISCO E A RECEPÇÃO DE SUA TEOLOGIA

Para o Concílio Vaticano II, o papa Francisco defendeu mais dinamismo pastoral, uma eclesiologia de abertura para o mundo, em diálogo com os sinais da contemporaneidade. Trata-se do reconhecimento dos pressupostos dos direitos humanos, uma proposta de acolhimento de casais em segunda união, guarida humana aos homossexuais, mostrando a humanização da Igreja Católica para com os marginalizados em nome da própria fé.

No entanto, embora os pressupostos do papa Francisco repercutam na mídia, nenhum impacto se fez sentir nessa direção, seja na revisão canônica em relação aos casais em segunda união, seja na formalização de orientação oficial da Igreja para a acolhida de pessoas homossexuais.

Para muitos, resta a impressão de que o Papa Francisco se manifesta mais pessoalmente em relação à postura humanizadora do que como a primeira autoridade entre os pares no exercício do magistério papal.

No Sínodo para a Amazônia, perceberam-se sinais de abertura para o diálogo na tentativa de ordenação de homens casados para o ministério sacerdotal, de maneira específica para a região amazônica, para que os cristãos dali não se privassem da comunhão eucarística. A discussão foi sufocada, e a resposta oficial no documento é que a questão da acolhida de homens casados para o ministério sacerdotal, segundo longa tradição canônica, restava descartada.

O papa Francisco lança sementes de esperança, a fim de que seja superado o tradicionalismo em nome da questão pastoral. Se, no âmbito da fé, os construtos dogmáticos criam regras intransponíveis, tendo em vista o cânon 1752 de que o fim último é a salvação das almas, emerge, a partir do Concílio Vaticano II, uma perspectiva de que é preciso valorizar não são só os dogmas da fé, que não podem ser desprezados, mas também o diálogo de maneira pastoral em contexto da contemporaneidade.

O papa Francisco é, antes de teólogo, um pastor, conhece a vida pastoral de um presbítero, de um bispo, de um arcebispo, bem como a vida cotidiana das pessoas. Suas palavras têm sido mais em direcionamento pastoral do que eminentemente teológico; perfil bem diferente do de Bento XVI, como já exposto, cujo entendimento se inclinava à área teológica teórica.

Diante dos novos movimentos religiosos e novas manifestações de vivência da

própria religiosidade cristã, parece-nos imprescindível que a Igreja se abra para o diálogo com os valores do Reino de Deus, sempre privilegiando a salvação integral das pessoas e promovendo transformações sociais.

Gabriel e Brambilla (2022) abordam o tema acerca da dimensão eclesiológica do Concílio Vaticano II da Igreja enquanto Povo de Deus e não limitada à hierarquia. Segundo os autores, a boa nova de Jesus Cristo ganhou tal enfoque porque, até então, apenas a hierarquia tinha voz e vez na Igreja. Os tempos passaram, mas o cristão que não integra a hierarquia ainda é considerado leigo. Na realidade, pouco se valorizam aqueles que aderem ao cristianismo como fiéis; a Igreja trata seus membros como leigos, evidenciando, no mínimo, a supervalorização da estrutura hierárquica.

Gabriel e Brambilla (2022) entendem que a Boa Nova do Evangelho não é apenas para cristãos católicos, e que o Concílio Vaticano II se abriu para um diálogo constante com outras instâncias, na busca da prática efetiva do ecumenismo. O apelo de Jesus para que todos sejam um talvez demore décadas para se concretizar.

Há aqueles que defendem uma Igreja como sociedade perfeita, hierárquica, sem a presença de leigos nos processos decisórios e no debate teológico. No entanto, tendo em vista que hoje a teologia e a própria filosofia que eram submissas à Igreja Católica não o são mais, é imprescindível que a Igreja dialogue com as mais diversas esferas, inclusive para manter o número de fiéis.

Francisco parece situar-se no contexto contemporâneo, ao propor mais uma prática da fé cristã no amor do que focar a dimensão teológica de uma fé rígida, que não dialoga com os mais diversos segmentos contemporâneos.

Com relação ao diálogo no âmbito dos direitos humanos, os valores centrais, como o respeito pela vida humana e a dignidade, independem de escolhas sexuais e opções de crença. No espírito do próprio Concílio Vaticano II, as pessoas devem primeiro obediência à própria consciência. Segundo a ética kantiana, a lei moral está tão evidente no espírito humano como o céu está estrelado fora de nós.

Passamos, na sequência, a explorar alguns artigos que contribuem para pensar a questão do papado de Francisco, mostrando os aspectos positivos, e, em relação aos sujeitos, as críticas da ala conservadora da Igreja hierarquizada.

REVISÃO DE ALGUMAS PRODUÇÕES SOBRE O PAPADO DE FRANCISCO

Boff (2020) pontua que o papa Francisco, com a encíclica social *Fratelli tutti*, apresenta-se como um crítico do neoliberalismo vigente, cuja ótica central é o lucro. Francisco tem se preocupado inclusive com a ecologia, pontuando a importância de habermos uma casa comum, entendimento que deve ser seriamente observado para superação do individualismo reinante na sociedade.

Francisco, em tal documento, propõe o amor social como inspiração para superação do individualismo solipsista, que tem como motor a competição. Nesse contexto, é muito presente a voz do magistério da Igreja que, em Francisco, aponta a importância de uma aliança global fraterna, capaz de cuidar da Terra e da humanidade.

Caranza (2015) destaca que o papa Francisco vai muito além de governar burocraticamente o Vaticano. Assume protagonismo, liderando não apenas a questão social, mas também as decisões colegiadas. O papa Francisco é corajoso, ao chamar para si a responsabilidade da solução de questões polêmicas, como aquelas que envolvem escândalos tanto econômicos quanto sexuais no âmbito da Igreja. Trata-se de um papa muito humano, mas, ao mesmo tempo, intolerante em relação a crimes no seio da Igreja que representa.

Quando, no resumo, apontamos para a desarmonia entre o discurso do papa Francisco e a prática da Igreja Católica, depreende-se a atuação de membros que discordam dos seus posicionamentos, defendendo uma Igreja tradicional e hierárquica, semeando tensão no seio da Igreja. Assim, embora o discurso do papa seja avançado, na prática, constatam-se atitudes extremamente conservadoras.

No caso dos casais em segunda união, críticas se levantam com acusações de que o pontífice oferece um debate teológico envolvendo a possibilidade de tais pessoas receberem a comunhão eucarística. Na prática, há ainda muitos óbices no sentido de se não entender como propícia tal aceitação.

Francisco, muito bem articulado, embora sua encíclica não expresse posicionamento a respeito, provoca abertura de espaço para o debate. Os favoráveis ao seu entendimento de dirão que a eucaristia não é prêmio, e, sim, sinal de comunhão com Deus e com os irmãos; por outro lado, os críticos afirmarão que tal medida representaria uma banalização do sacramento do matrimônio e motivação para que tantos outros casassem já pensando em se separar.

Suess (2016) entende que o paradigma de Francisco aponta para uma igreja que

substitui o paradigma da “Nova Evangelização”. Ele tem sido desafiado a superar as críticas de opositores, segundo os quais ele distorce a reta fé cristã. Suess (2016) lembra que, no Sínodo dos Bispos, na XIV Assembleia Geral Ordinária, Francisco teve que recuar sobre a possibilidade de comunhão dos casais em segunda união, tendo em vista que havia iminente possibilidade de cisma. Na Bolívia, em 9 de julho de 2015, o papa pediu perdão para indígenas pelos pecados graves contra os nativos na América, pecados realizados muitas vezes em nome de Deus.

Por sua vez, Wolff e Colet (2019) apontam o quanto a teologia eclesiológica de Francisco valoriza as igrejas locais (dioceses) em comunhão com as conferências episcopais. Ele se apresenta, em muitos documentos, como bispo de Roma e, assim, retoma uma perspectiva eclesiológica do Vaticano II em visão eclesial de colegialidade.

Durante o pontificado de Francisco, aumentou significativamente o poder de decisão dos tribunais eclesiásticos diocesanos, seja em casos de verificação de nulidade de casamentos, seja na investigação de abusos de menores, ou ainda, em outras instâncias, em que se deu maior autonomia aos bispos diocesanos. Na perspectiva de Wolff e Colet (2019, p. 190):

Com isso, diluem-se as tensões nas fronteiras entre igreja universal e local, mas as fronteiras não são canceladas. O fundamental é que tensões e conflitos de fronteiras são assumidas não como demarcação de territórios eclesiais isolados, mas na busca de interação e de comunhão. A diferença agora é que está na vez dos bispos a responsabilidade de exercerem de modo efetivo a autoridade que possuem, equilibrando as relações com o primado. O bispo não é uma figura eclesial compreendida apenas a partir da missão canônica recebida do papa, mas da sacramentalidade do próprio ministério (LG21), que, sendo de direito divino, é dado como carisma pessoal em função de toda a igreja (LG 23). O *munus docendi* e o *munus regendi* são entendidos no contexto do tríplex munus, fundado sacramentalmente e vivido colegialmente.

O papa Francisco, ainda segundo os autores em referência, lembra a importância de se manter como sucessor de Pedro, mas, em âmbito colegiado, resgatado pelo Concílio Vaticano II, demonstra preocupação com a valorização de leigos no processo de decisões da Igreja, sobretudo com a participação das mulheres. Tais entendimentos têm gerado controvérsias e críticas, uma vez que conservadores veem na valorização da mulher algo diabólico. Wolff e Colet (2019, p.194) assim se expressam sobre a participação feminina, teorizada de uma forma muito linda, mas que, na prática, não se efetiva:

Porém, no cotidiano da vida eclesial, a realidade é outra. A mulher parece um corpo estranho no corpo eclesial, a quem se faz concessões formais, nunca estruturais. Mesmo onde a mulher poderia exercer funções bem próximas do núcleo estruturante da igreja, isso não lhe é permitido, como é o caso das nunciaturas ou das paróquias sem padres. Nisso se situa a fronteira intransponível da ordenação de mulheres, uma discussão histórica, por vezes debatida de modo marginal e, por outras, nas estruturas centrais da igreja.

Enfim, Francisco é uma voz humana a pensar questões que dialogam com os direitos humanos. No entanto, a Igreja tem suas relações de poder e de forças movidas por conservadores que, por vezes, sequer colocam em debate a participação efetiva das mulheres na Igreja, por entenderem que tal medida demonizaria o pontificado de Francisco.

“Se uma pessoa é *gay* e procura o Senhor e tem boa vontade, quem sou eu para a julgar? Não se deve marginalizar essas pessoas por isso” (Papa Francisco: *Encontro do santo padre com os jornalistas durante o voo de regresso do Brasil*. 28 jun. 2013). Francisco não está a falar *ex cathedra*, em âmbito de matéria e fé. Mostra, sim, sua visão teológica particular, que aponta para novos tempos. Pode parecer extremamente anormal a acolhida de homossexuais no âmbito da Igreja, mas a homossexualidade já foi considerada inclusive uma doença. Então, estamos, do ponto de vista humanitário, a avançar para que não se segreguem as pessoas.

São inúmeros os desafios, e um deles é justamente o diálogo franco entre os bispos católicos e as lideranças cristãs para interpretar os sinais dos tempos e dar uma resposta cristã para os dias atuais. Infelizmente, se o discurso de Francisco é o da humanização, facilmente encontram-se líderes católicos que destilam ódio em relação aos homossexuais. Entretanto, as esperanças de uma visão teológica mais humanitária, quem sabe um dia, consolide-se em torno de uma ética cristã que respeite a dignidade da pessoa humana nas suas diversas expressões.

Porreca (2004), em dissertação defendida na USP, já percebia as dificuldades da Igreja Católica em absorver as mudanças envolvendo a noção de família no contexto da contemporaneidade. Embora Francisco defenda que a Igreja cultive um olhar de caridade para acolhimento dos casais em segunda união, uma expressiva parcela de líderes na Igreja Católica ainda tem um olhar discriminador, por considerar impuros os referidos casais e resistir em os admitir no seio da Igreja.

Nos dizeres de Porreca (2004, p.53): “Como se pode perceber, as transformações

na família são uma realidade difícil de ser incorporada plenamente pela Igreja e as novas circunstâncias dos tempos modernos apresentam um amplo leque de constituições familiares e mudanças profundas”.

Na seção a seguir, apresentaremos os dizeres de Francisco em alguns documentos oficiais escritos e o quanto seu pensamento pode orientar a Igreja no seu modo de entender eclesiologicamente o século XXI.

ENSINAMENTOS DO PAPA FRANCISCO

Em *Amoris laetitia*, papa Francisco (2016) reconhece que, em alguns casos, a separação é inevitável no matrimônio, apesar de ser um remédio externo. Ao longo do documento, Francisco (2016) pontua a beleza e a nobreza do matrimônio, mas, a partir do número 241 do documento, ele pontua questões bem centrais no que se refere à dimensão real das famílias contemporâneas. No número 243, ele traz uma orientação que nos parece fundamental do ponto de vista dos direitos humanos:

Quanto às pessoas divorciadas que vivem em uma nova união, é importante fazer-lhes sentir que fazem parte da Igreja, que não “estão excomungadas” nem são tratadas como tais, porque sempre integram a comunhão eclesial. Estas situações ‘exigem um atento discernimento e um acompanhamento com grande respeito, evitando qualquer linguagem e atitude que as faça se sentir discriminadas e promovendo a participação na vida da comunidade. (FRANCISCO, 2016, p. 148)

Esses dizeres apontam no sentido de um pontificado mais aberto ao diálogo com os direitos humanos, na medida em que, sem romper com a sacramentalidade do matrimônio, trazem uma perspectiva de acolhida aos recasados. Evidentemente, é um desafio para a Igreja mudar, do ponto de vista pastoral, sua postura de julgadora para acolhedora, mas a orientação de Francisco está proposta em termos de uma mudança de significado, de entendimento na práxis cristã.

Já na encíclica “*Laudato si*”, Papa Francisco, numa perspectiva pós-Vaticano II, traz uma visão que vai além dos dogmas cristãos, para uma perspectiva social, um olhar ecológico à luz da teologia cristã. Francisco (2015) coloca a necessidade de um olhar diferente

para a natureza que não seja exploratória. Assim, se pronuncia:

A cultura ecológica não pode se reduzir a uma série de respostas urgentes e parciais para problemas que vão surgindo à volta da degradação ambiental, do esgotamento das reservas naturais e da poluição. Deveria ser um olhar diferente; um pensamento, uma política, um programa educativo, um estilo de vida e uma espiritualidade que oponham resistência ao avanço do paradigma tecnocrático. (2015, p.92, n.111)

Nesse contexto, a teologia de Francisco dialoga com diversas perspectivas de abertura ao social e, ao mesmo tempo, com uma visão de crítica à tecnocracia vigente na sociedade contemporânea. Faz-se necessário, nesse contexto, que, à luz da teologia, se olhe para o grave desafio socioambiental. Mais uma vez, a visão de Francisco se apresenta em abertura aos desafios sociais emergentes, bem como uma perspectiva do Vaticano II de procurar entender os sinais dos tempos à luz dos desafios e esperanças do mundo contemporâneo.

Francisco (2017, p. 36) pontua na obra *Quem sou eu para julgar* que, embora divorciados não estejam formalmente expulsos da Igreja, na prática, não podem quase nada, quase excomungados de fato. Nem leitura podem fazer, nem sequer serem padrinhos. Nos dizeres de Francisco (2017, p. 38): “Um pastor não pode sentir-se satisfeito apenas aplicando leis morais àqueles que vivem em situações ‘irregulares’ como se fossem pedras que lançam na vida das pessoas”.

Enfim, certamente pela sua experiência pastoral, Francisco, no seu magistério, é mais atento aos clamores sociais e direitos humanos do que apegado a dogmas. Há, sem dúvida, os que o veem como herege, por romper com as tradições eclesiais. Todavia, há os que o veem como um portador de esperanças para um cristianismo mais humanizado e solidário com os que sofrem. Há quem veja também as atitudes de Francisco como uma estratégia do catolicismo para conseguir sobreviver em meio à perda de fiéis, sobretudo para evangélicos. Seja como for, são acenos para um catolicismo menos dogmático e mais voltado para as questões pastorais do século XXI.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Francisco, para muitos, será um verdadeiro religioso e, para outros, um herege, no sentido de que estaria desvirtuando o depósito da fé da tradição apostólica. Seja como for, ele representa uma guinada radical nos direcionamentos pastorais da Igreja Católica. Há quem diga que seu estilo é estratégia de marketing para sobrevivência e evitar perder fiéis. Não é algo a ser descartado, na medida em que o número de pessoas que deixa a Igreja Católica é significativo anualmente.

Do ponto de vista das ciências da religião, interessa-nos ressaltar o quanto as instituições, mesmo a Católica Romana, que se diz guiada pelo Espírito Santo (mesmo sem questionarmos isso), é também muito guiada pela própria personalidade de cada um dos seus dirigentes. Francisco já demonstrou a que veio na própria escolha do nome. Francisco de Assis, em seu tempo, incomodou a muitos por desejar voltar às fontes da vivência evangélica da pobreza.

Mas as tensões sociológicas do ponto de vista humano são importantes, porque possibilitam o debate, o diálogo e a busca por um ponto de equilíbrio entre posições. Daqui a séculos, futuras gerações farão outras leituras sobre o que vivemos no momento. Seja como for, a alternância entre polos antagônicos, como Bento XVI e Francisco, mostra a possibilidade de diálogo e convivência entre aquilo que é diferente e o quanto cada líder religioso marca seu tempo com suas posturas pessoais, sua formação teológica e sua história de vida.

REFERÊNCIAS

BOFF, Leonardo. **A Fratelli tutti, um novo paradigma de sociedade mundial**: de senhor (dominus) a irmão (frater). São Leopoldo: IHU, 2020. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/604646-a-fratelli-tutti-um-novo-paradigma-de-sociedade-mundial-de-senhor-dominus-a-irmao-frater-artigo-de-leonardo-boff>. Acesso em: 15 mar. 2021

CARRANZA, B. Papa Francisco: continuidades essenciais e rupturas simbólicas. **IHU On-Line** (UNISINOS. Impresso), v. 465, p. 135-136, 2015.

FRANCISCO, Papa. **Amoris Laetitia** (AL): sobre o amor na família. Brasília: Edições CNBB, 2016.

FRANCISCO. **Encontro do santo padre com os jornalistas durante o voo de regresso do Brasil**. 28 jun. 2013b.

GABRIEL, Fábio Antônio; BRAMBILLA, João Carlos. **Mensagens no caminho do discipulado de Jesus**. São Paulo: Peripécia, 2023.

GABRIEL, Fábio Antônio; BRAMBILLA, João Carlos. **Mensagens no caminho do discipulado de Jesus**. São Paulo: Peripécia, 2022. Disponível em: <https://www.pimentacultural.com/livro/mensagens-caminho>. Acesso em: 14 set. 2023.

KASPER, Walter. **Papa Francisco: a revolução da misericórdia e do amor**. São Paulo: Paulinas, 2015.

LE GOFF, Jacques. São Francisco de Assis. 5.ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

LIBÂNIO, J.B. A volta à grande disciplina. São Paulo: Loyola, 1983.

PAPA FRANCISCO. **Carta encíclica “Laudato si”**: sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Paulinas, 2015

PAPA FRANCISCO. **Exortação apostólica Amoris laetitia**: sobre o amor na família. 2. ed. Brasília: Edições CNBB, 2016

PAPA FRANCISCO, **Quem sou eu para julgar?** Reunido e editado por Ana Maria Foli. Rio de Janeiro: Leya, 2017

PORRECA, Wladimir. **Famílias recompostas**: casais católicos em segunda união. Dissertação Mestrado em Ciências - Departamento de Psicologia e Educação, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, USP, Ribeirão Preto, 2004.

SUESS, Paulo. **Laudato Si’**. Louvado sejas: sobre o cuidado da casa comum. São Paulo: Paulus; Loyola, 2015a

SUESS, Paulo. Igreja em saída: compromissos e contradições na proposta missionária do papa Francisco. **Revista Pistis & Praxis: Teologia e Pastoral**, v. 8, n. 3, p. 659-671, set./dez. 2016.

WILTGEN, Ralph. **O Reno se lança no Tibre**: o concílio desconhecido. Niterói: Permanência, 2007.

WOLFF, Elias; COLLET, Raquel de Fátima. Fronteiras eclesiais no pontificado de Francisco. **Cultura Teológica**, v. XVII, n. 93, p. 184-208, 2019.

SITES:

<https://www.vidapastoral.com.br/artigos/temas-pastorais/homoafetividade-e-evangelizacao-abrir-caminhos/>

<https://www.estadao.com.br/sao-paulo/edison-veiga/papa-francisco-e-os-gays-licoos-de-acolhimento-para-um-mundo-cheio-de-odio/>

<https://www.vatican.va/content/benedict-xvi/pt/biography.index.html>

<https://www.vatican.va/content/francesco/pt/biography.index.html>